

# MODERNIDADE E TEMPORALIDADE NOS ESTUDOS HISTÓRICOS DE ATHOS DAMASCENO (1950-1970)

## *MODERNITY AND TEMPORALITY IN ATHOS DAMASCENO HISTORICAL STUDIES (1950-1970)*

Gabriela Correa da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo analisa a representação do passado nos estudos históricos do escritor porto-alegrense Athos Damasceno, no período de 1950 a 1970. Para tanto, apresenta o autor e alguns de seus vínculos sociais. Em seguida, indica as mudanças operadas em sua escrita em comparação com a primeira fase de sua trajetória enquanto historiador, localizada na década de 1940. Por fim, é analisada a *representação da temporalidade* empreendida neste *segundo tempo* da narrativa do autor. A fim de alcançar este objetivo, são apropriadas, como parte dos referenciais teóricos, as proposições de François Hartog sobre os regimes de historicidade.

**Palavras-chave:** Athos Damasceno (1902-1975). Representação do passado. Representação da temporalidade. Modernidade e identidade regional.

### ABSTRACT

*This article analyzes the representation of the past in Athos Damasceno's historical studies during the period between 1950 and 1970. For this purpose, the author and some of his social connections are presented. Then, the changes in Damasceno's writing in comparison with the first phase of his career as historian, situated in 1940s, are pointed. Finally, the representation of temporality in the author's narrative is examined. In order to achieve this objective, François Hartog's propositions about regimes of historicity are appropriated as part of the theoretical framework.*

*Keywords:* Athos Damasceno (1902-1975). Representation of the past. Representation of temporality. Modernity and regional identity.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de pesquisa de mestrado desta autora, cuja temática central é a escrita da história desenvolvida pelo pesquisador porto-alegrense Athos Damasceno Ferreira, no período de 1940 e 1970. A

---

<sup>1</sup> Graduada em História (Licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutoranda em História - na área de Teoria da História e Historiografia - na UFRGS. Bolsista CNPq. Áreas de interesse: Teoria da história e historiografia, História Contemporânea, História da América Contemporânea, História do Brasil na Primeira República, História do Rio Grande do Sul, historiografia sul-rio-grandense.

investigação concentrou-se na representação do passado sul-rio-grandense oferecida pelo autor estudado. O texto que segue é, propriamente, parte das reflexões empreendidas no terceiro capítulo da dissertação.

As fontes principais são as pesquisas de Athos Damasceno publicadas a partir dos anos 1950, adiante especificadas. O objetivo deste artigo é apresentar às leitoras e aos leitores aquilo que, ao longo da pesquisa, foi entendido como sendo a representação da *modernidade* e da *temporalidade* nos estudos do pesquisador porto-alegrense. Na dissertação que originou este texto, a obra de Athos Damasceno foi periodizada em dois momentos: a *primeira fase* localiza-se nos anos 1940 e a *segunda fase* nos anos 1950 a 1970 – este será o momento abordado aqui. Esta periodização foi proposta porque se observa, nos escritos do autor, expressivas mudanças em relação à forma como ele compreende as relações com o tempo, especialmente no que se refere à modernização da cidade.

Para alcançar o objetivo proposto, este texto se divide em três seções. A primeira apresenta o autor, alguns dos espaços em que se inseriu e os diálogos que travou. A segunda explica quais são as novidades deste outro momento da representação do passado de Athos Damasceno e a maneira como se pretende proceder teoricamente a fim de interpretá-la. A terceira seção, a qual enfatizará a representação da temporalidade, isto é, das relações com o tempo que o historiador estabelece a partir de seus escritos, trata de um tema específico nas pesquisas de Athos Damasceno: o avanço da modernização da Província ao longo do século XIX sul-rio-grandense.

## **1 O historiador-escritor: tempo e *lugar social***

Athos Damasceno (1902-1975) preferia ser chamado de escritor. Nem poeta, nem romancista, nem historiador. Apenas escritor (SONDERMANN, 1974). Talvez seja mesmo a maneira mais adequada de se referir a um autor que, como tantos de sua época, se dedicou a muitas áreas. O escritor teve diversos vínculos, institucionais ou não. Integrou o “Grupo” da Globo, foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (a partir de 1957) e da Comissão Estadual do Folclore (1948). Foi servidor público estadual, com passagens pela Secretaria do Interior e da Educação e Cultura (CÉSAR, 1994). Também foi, ocasionalmente, tradutor da Editora Globo e colaborador da Revista *Província de São Pedro*, da mesma editora.

Conhecido pela sua identificação com o mundo urbano, Athos Damasceno revelou-se um intelectual preocupado com a pesquisa acerca da história regional, especialmente a partir da década de 1940, quando se destacou por extensa produção na área da história. Além dos textos de au-

toria do estudioso, a pesquisa que originou este artigo também explorou alguns de seus vínculos sociais, que serão brevemente apontados nas linhas a seguir. A atenção a tais vínculos teve o objetivo de, levando em conta a assertiva já clássica de Michel de Certeau (1982), explorar o *lugar social* a partir do qual Athos Damasceno representou a região.

Dessa forma, a conclusão acerca do ambiente intelectual em que o autor atuou aponta para algumas questões interessantes. Uma delas diz respeito ao intenso debate que se travou nas letras locais no tocante à renovação artística e cultural proposta pelo movimento modernista paulista (LEITE, 1972; 1978). Tal atmosfera pode ser exemplificada com a polêmica travada por Athos com o poeta Vargas Netto, no ano de 1932, sobre o regionalismo do Rio Grande do Sul. Neste debate, travado nas páginas dos jornais *O Correio do Povo* e *A Federação*, Damasceno se posiciona em favor da renovação do regionalismo, no sentido de contemplar o universo citadino, enquanto Vargas Netto sai em defesa do regionalismo tradicional, cujas temáticas clássicas estavam associadas ao ambiente rural.

Algumas iniciativas em torno da fundação de revistas e a existência de publicações de intelectuais locais que denotam a aproximação com o movimento modernista contribuem para indicar a existência de um ambiente de renovação. As grandes questões suscitadas pelos modernistas que parecem ter mobilizado os letrados (e especialmente Athos Damasceno) foram: a identidade nacional/regional, as temáticas da modernização e da urbanização crescentes e a conveniência de se desenvolver uma representação da região que evidenciasse a multiplicidade de sujeitos que tomaram parte na constituição da sua identidade.

Nesse sentido, é possível apontar dois espaços a partir dos quais esta transformação na abordagem dos estudos regionais se operou: a Editora Globo e, um pouco mais tarde, a Comissão Estadual do Folclore. O primeiro deles, e mais importante para a análise dos textos do pesquisador porto-alegrense, foi a Editora Globo. A partir deste espaço foram levantadas questões, como, por exemplo, as dificuldades de inserção dos autores locais no cenário nacional, de produção do conhecimento e as limitações de uma produção sobre a região que circunscrevia seus temas e problemas ao gaúcho do campo. Observou-se, pois, principalmente a partir dos anos 1940, um movimento de ressignificação do regionalismo no sentido de que se constituísse em elo com o restante do país, e não em obstáculo para o vínculo entre região e nação. Isso se refere tanto à identidade da região quanto a de seus intelectuais. As temáticas abordadas na Revista *Província de São Pedro* (1945-1957), publicação da Editora Globo e na qual Damasceno colaborava, compõem uma espécie de síntese deste movimento de reno-

vação (CORADINI, 2003). Tinha-se como horizonte o desejo de revelar um Rio Grande do Sul moderno, urbano e intelectualizado.

Além do empreendimento da *Revista Província de São Pedro*, teve espaço no estado uma outra iniciativa, à qual a intelectualidade local aderiu, que confirma a existência deste desejo de renovação dos estudos regionais: a Comissão Estadual do Folclore (CEF), fundada no Rio Grande do Sul no ano de 1948. Segundo Letícia Nedel (2005), os temas de pesquisa privilegiados pelos sócios da comissão visavam preencher as lacunas deixadas pela historiografia e tratavam de assuntos como as práticas religiosas de afrodescendentes, as condições de existência das populações indígenas e o folclore da zona agrícola, seja ela de ascendência açoriana, teuta ou italiana.

Athos Damasceno foi um dos afiliados da CEF e, de certa forma, é possível afirmar que ele pesquisou o folclore da cidade de Porto Alegre. Parte de seu interesse pelo estudo da cultura popular pode ser compreendido a partir da vinculação com este empreendimento. A cultura popular da cidade, para ele, era composta pela fusão de elementos açorianos, imigrantes alemães e negros, com o predomínio dos primeiros conformando a base da identidade da cidade.

Um dos principais interlocutores da intelectualidade local a partir dos anos 1940 foi o sociólogo Gilberto Freyre (NEDEL, 2007). Questões como o estudo da cultura afro-brasileira, das habitações e dos costumes regionais foram suscitadas por meio das trocas com este autor. Athos Damasceno abordou todas elas de modo bastante intenso. Não obstante tal referência, a pesquisa permite indicar que a representação do passado de Athos foi constituída a partir de uma complexa fusão de aproximações e distanciamentos diversos, com Freyre e com outros interlocutores.

Um exemplo de relativo distanciamento em relação aos posicionamentos do sociólogo pode ser visto na forma como Damasceno encarou a questão da modernização. Se para Freyre a temática se converteu em relativo problema, no autor aqui estudado houve uma postura ambígua, que se torna cada vez mais favorável ao processo de modernização a partir dos anos 1950.

Desse modo, naquilo que chamo de *primeiro tempo* da sua representação do passado (1940-1950), é possível observar uma escrita que tende a negativar a modernização, sobretudo dos costumes e de certas tradições. Neste momento, o rompimento com o passado é, em geral, denunciado. No *segundo tempo* de suas pesquisas (1950-1970), porém, a narrativa evidencia uma tentativa de compreensão e, além disso, certa valorização de algumas transformações introduzidas ao longo do processo de modernização da cidade e dos costumes.

Em relação às escolhas teóricas, partiu-se do pressuposto da relevância de se atentar à composição narrativa do texto histórico. Para tanto, investigou-se os gêneros e o *estilo* do historiador, considerando as formulações de Peter Gay (1990). Assim, busca-se compreender as suas estratégias narrativas e as formas por meio das quais o pesquisador cumpriu o pacto firmado entre ele e seus leitores (RICOEUR, 2007).

Em relação ao gênero, o autor se valeu tanto de *ensaio* quanto de *pesquisa histórica*. O primeiro está presente em textos de cunho mais analítico nos quais as suas opiniões se mostram de modo mais explícito. Nas obras deste gênero não é frequente a presença de referências bibliográficas, nem de anexos. A remissão ao arquivo, entretanto, é uma marca legitimadora da narrativa neste tipo de texto também. Esta referência, contudo, é feita de modo pouco sistemático.

Nos estudos de pesquisa histórica, por sua vez, é mais visível a preocupação do autor em legitimar suas afirmações com remissões às fontes de pesquisa/arquivo e a formalização destas remissões em anexos e referências bibliográficas. Outra característica destes estudos é o pouco espaço destinado à interpretação do historiador. As opiniões do autor estão impressas de forma sutil na narrativa.

Nesse sentido, a peculiaridade no uso da linguagem e a preocupação com a construção do texto é muito mais observável nos textos ensaísticos do que naqueles textos de pesquisa histórica. No que toca à vocação do gênero para a análise, é plausível sugerir que em Athos Damasceno ela se manifesta no sentido de empreender uma reescrita do passado do Rio Grande do Sul. Assim, os ensaios do autor buscam mostrar, por meio do estudo da cidade, uma história do urbano e do cultural na região. É a serviço desta representação que estão os textos de caráter ensaístico do historiador.

A *questão do estilo* do historiador foi ponderada com o intuito de avançar na compreensão de sua representação da *identidade* e da *temporalidade*, presentes tanto nos textos ensaísticos quanto nos de pesquisa histórica. Observa-se, pois, o uso predominante de *linguagem irônica* às vezes associada à *linguagem emotiva*. Assim, se, por um lado, o uso da *ironia* é responsável por uma postura cética e descrente frente ao mundo, o emprego de *linguagem emotiva*, por outro lado, resgata uma posição sentimentalista e positiva diante do passado. Dessa forma, a *ironia* parece ser acionada quando o autor quer sugerir um rompimento com esta temporalidade. A *linguagem emotiva*, quando quer marcar uma continuidade desejável.

Assim sendo, apesar de o autor reservar uma posição de problematização irônica do passado, ele reivindica certas permanências para com ele. A linguagem emotiva serve para “salvar” alguns aspectos do esquecimento.

Portanto, pode-se compreender o *estilo* de Damasceno como sendo uma espécie de “híbrido autorregulado”: a ironia regula a emotividade, que por sua vez controla a ironia. A implicação deste estilo para a sua visão do passado é a de que ele não consiste numa temporalidade repleta de positivities, tampouco submersa em negatividades. Para Athos Damasceno, é necessário tanto salvar quanto esquecer o passado, para estabilizar o presente e viabilizar os projetos para o futuro. Isso não ocorre de modo homogêneo ao longo das pesquisas do autor. A posição frente às relações com o tempo e com a identidade se transformam no decorrer de suas publicações. Daí a divisão proposta de uma análise que considere a existência de *dois tempos* na representação do passado deste pesquisador.

Considerando o que foi dito até aqui acerca das temáticas escolhidas por Damasceno, é possível afirmar que a grande novidade de suas pesquisas é a atenção dada ao estudo da cidade, da modernização dela e à história da cultura da região. Estas inovações ensejaram a abordagem do passado de outros grupos, que também foram considerados importantes para a compreensão da identidade regional. A grande permanência em relação aos estudos que o antecederam foi a defesa da interpretação do passado regional embasado na herança cultural portuguesa. Esta insistência pode ser lida como uma busca de afirmação de um espaço no todo nacional, tanto da região quanto de seus intelectuais.

Tendo indicado, em linhas gerais, o ambiente intelectual no qual Athos Damasceno escreveu e publicou suas pesquisas, podemos passar para as próximas seções, nas quais este texto buscará mostrar que a representação do passado deste autor esteve fortemente marcada pela preocupação com a identidade sul-rio-grandense, bem como com as relações entre sociedade e tempo que se estabeleciam no período em que ele escrevia.

## **2 O segundo tempo da representação do passado de Athos Damasceno**

*O que há de verdadeiro e belo, no passado, tendo sido construído para o futuro, pertence inteiramente ao presente.*  
(FERREIRA, 1967, p. 169)

Diferentemente dos textos *Imagens “Sentimentais da Cidade”* (1940) e *“Sacadas e Sacadinhas Porto-alegrenses”* (1945), os quais destacam aspectos negativos da modernidade, apontando para os problemas decorrentes da intensa urbanização e do aumento demográfico, o que se observa neste segundo momento da escrita de Damasceno é uma ênfase no estudo do advento da modernidade em Porto Alegre, numa espécie de tentativa de

compreensão acerca do fenômeno experienciado pela sua geração.

Nesse sentido, são significativos os livros *Palco, Salão e Picadeiro em Porto Alegre no Século XIX*: contribuição para o estudo do processo cultural no Rio Grande do Sul (1956), *Imprensa Caricata no Rio Grande do Sul no Século XIX* (1962) e *O Carnaval Porto-alegrense no Século XIX* (1970a). A leitura das três publicações leva à impressão de que uma complementa a outra e de que não é possível compreender a representação do passado do autor sem co-tejar no mínimo estes três estudos. Como os títulos evidenciam, o escritor elege o século XIX como período de sua investigação em relação à emergência, ainda que tímida, da marcha da modernidade no estado.

As implicações desta nova forma de encarar o passado – e mesmo o presente – impactarão sensivelmente na representação da temporalidade e da identidade desenvolvida na narrativa do escritor. De modo introdutório, é plausível afirmar que tais representações se tornam mais complexas à medida que o autor avança na procura pelo percurso da modernização da região. Mas será que apenas Athos Damasceno passava a perceber o problema de modernização de forma diferente?

Acerca do assunto é interessante a constatação do estudo de Charles Monteiro (2012) sobre a produção das imagens da cidade de Porto Alegre nos anos 1950, tendo como fontes as fotorreportagens da Revista do Globo. Conforme Monteiro, na segunda metade dos anos 1950, a revista se engaja no projeto e discurso desenvolvimentista da administração do Presidente Juscelino Kubitschek (1956 – 1960), de realizar “50 anos em 5”, e passa a privilegiar o processo de transformação e modernização da sociedade e do espaço urbano, deixando em segundo plano as críticas e as contradições que acompanhavam esse processo, indo de encontro à sua postura da primeira metade dos anos 1950. Com isso, é possível constatar que as transformações na forma de significar a modernização – ainda que em um sentido mais restrito do que o estudado por Athos – também ocorriam no interior da Editora Globo, a qual pode ser compreendida como sendo um espaço integrante daquilo que podemos nomear de *lugar social* a partir do qual o autor aqui estudado representa o passado.

A escrita de Damasceno, a partir dos anos 1950, ao passar a enfocar o estudo do advento da modernidade na região do extremo sul do país, aborda a questão em um sentido bem mais amplo. Ele busca acompanhar o desenrolar do contínuo processo civilizador (no sentido de aproximar-se de certos padrões europeus de desenvolvimento) da sociedade porto-alegrense. Com isso, o conceito de *civilização* e seus decorrentes – progresso e processo – têm seu emprego acentuado no vocabulário do pesquisador. Este conceito será útil para a compreensão de um dos movimentos obser-

váveis na narrativa: a convergência entre a tomada de posição do autor e o posicionamento dos agentes sociais por ele estudados em suas fontes de pesquisa, no sentido de que, em certos momentos, o pesquisador faz coro com a imprensa do século XIX a fim de exaltar o avanço da modernidade na Província.

A representação do passado então seleciona fatos e eventos que indicam a modernização da capital da Província ao longo do tempo. Dessa forma, o pesquisador indica as semelhanças da região (especialmente, mas não apenas, de Porto Alegre) com o Rio de Janeiro e, também, com a Europa. Esta é uma maneira, inclusive, de aproximar a área longínqua do centro difusor de cultura que fora o Rio de Janeiro nos oitocentos. Este é o caso quando Damasceno enfatiza que as temáticas abordadas nas peças de teatro encenadas em Porto Alegre, em fins do século XIX, estavam em consonância com os debates travados na Europa e no Rio de Janeiro referentes ao evolucionismo de Charles Darwin e à abolição da escravidão, por exemplo (DAMASCENO, 1956).

Auxiliam na interpretação desta inclinação da representação do pesquisador porto-alegrense, as definições do conceito de civilização propostas por Jean Starobinski (2004) e Norbert Elias (1994). De acordo com Starobinski, o termo civilização foi objeto de diversas reflexões analíticas desde fins do século XVIII, quando inúmeros escritos se esforçavam para discriminar as condições e os constituintes, materiais e morais, da civilização. Além disso, o autor afirma que:

A palavra *civilização* pôde ser adotada tanto mais rapidamente A palavra *civilização*, que designa um processo, sobrevém na história das ideias ao mesmo tempo que a acepção moderna de progresso. Civilização e progresso são termos destinados a manter as mais estreitas relações. Mas esses termos, embora possam ser empregados de maneira global e vaga, não tardam a exigir uma reflexão genética, preocupada em distinguir os momentos sucessivos: importa determinar com precisão as etapas do processo civilizador, os estágios do progresso da sociedade. A história, a reflexão de historiador, conjeturais ou empíricas, põe mãos à obra para chegar a um “quadro dos progressos do espírito humano”, a uma representação da marcha da civilização por meio de diversos estados de aperfeiçoamento sucessivos. (STAROBINSKI, 2001, p. 14-15)

De certa forma, é nesta direção que parte da narrativa aqui analisada se encaminha. Como já foi indicado, os termos progresso e processo passam a ser empregados de modo frequente a partir, sobretudo, de *Palco, Salão e Picadeiro em Porto Alegre no Século XIX* (1956). Parece haver, a partir daí, um contínuo esforço, por parte do pesquisador, de acompanhar “os estágios do progresso da sociedade”, como indicado por Starobinski no trecho acima citado. Ademais, é profícuo citar ainda a definição clássica de Norbert Elias:

O conceito de “civilização” refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos [...]. Com essa palavra a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão de mundo, e muito mais. (ELIAS, 1994, p. 23)

Esta análise se concentrará no início da citação, porquanto, nos textos de Athos, para além da civilização no sentido do progresso material, há uma forte preocupação em acompanhar o aperfeiçoamento dos modos e costumes da população sul-rio-grandense. Esta definição enseja a abordagem de um outro movimento, nada negligenciável, observável na narrativa do pesquisador.

Quando o historiador analisa as peculiaridades da cultura local em relação ao Rio de Janeiro e aos costumes “civilizados”, sua escrita toma novo rumo. Não há uma tendência a inferiorizar comportamentos considerados não civilizados – que, como veremos, é marca definidora da imprensa local no século XIX, a qual serve de fonte para o autor. E é neste aspecto que reside a especificidade da abordagem de Athos Damasceno. A partir de então, o pesquisador busca compreender aquilo que desvia a sociedade local da adoção de atitudes ditas “civilizadas”, e este exercício passa a ocupar expressivo espaço na sua análise.

Lembremos, pois, que na década de quarenta a indagação sobre quem são os sul-rio-grandenses e de qual é o seu lugar no todo nacional, emerge com toda a força no discurso de Athos – não só dele, mas de toda

uma geração. Na década seguinte, a questão continua posta e parece que, subjacente à tarefa de retrilhar o caminho da modernidade no estado, reside a busca incessante por responder o questionamento ainda não satisfatoriamente resolvido.

A resposta oferecida pela representação do passado do autor em foco vai se desenhando gradualmente. A partir da reflexão acerca da representação do passado elaborada por Damasceno, este artigo sugere que um dos métodos utilizados para dar a ver tal solução é refletir sobre as semelhanças do sul-rio-grandense com o Ocidente e suas peculiaridades. Neste “Ocidente” está incluído o Rio de Janeiro, que na sua narrativa significa Brasil.

Não obstante, quando o pesquisador explica o humor grosseiro do sul-rio-grandense (a interpretação é do autor), o faz no sentido de ressaltar as dissonâncias entre as diferentes partes da nação: eles (nós, porque o escritor se inclui na narrativa) são assim porque não “se civilizaram” como os cariocas da Corte e mantiveram a matriz portuguesa de seu humor. Na escrita do autor, pois, há um esforço no sentido de apontar as características da cultura local que a distinguem dos outros povos, inclusive, por vezes, mesmo dos brasileiros de outras regiões, e também, é claro, de indicar as idiosincrasias da população sulina que só têm precedentes, na sua interpretação, nos lusitanos dos açores.

Se admitirmos que esta seja uma maneira plausível para a compreensão de uma das faces da representação do passado do autor, então poderemos vislumbrar a resposta que ele oferece aos seus contemporâneos sobre quem são os sul-rio-grandenses e sobre como eles devem se portar diante do inexorável avanço da modernidade: o sul-rio-grandense é um brasileiro do extremo sul do país que se *civilizou* e adotou parte dos costumes da Europa Ocidental, mas que, por outro lado, manteve certas características dos portugueses dos açores, o que o peculiariza mesmo diante dos demais brasileiros. As mudanças enfrentadas no tempo presente da escrita do autor, portanto, não deveriam gerar tanta angústia, uma vez que, tendo passado por mais de um século de “processo civilizador” o sul-rio-grandense ainda preserva traços dos seus avôs e avós dos açores.

Dessa forma, uma das conclusões do autor encaminha a questão para a seguinte solução: em determinados assuntos, os porto-alegrenses se portavam de modo pouco polido porque tal atitude era inerente à sua cultura (de base açoriana) e isso não guardava, necessariamente, relação determinante com um eventual desconhecimento do padrão *civilizado* a ser seguido.

Assim Damasceno conforta sua geração e acena para ela com a sua

representação do passado, de modo que nela esta temporalidade deixa de estar ameaçada pelo esquecimento completo. Sua escrita também continua buscando tornar possíveis projetos de futuro que não negligenciem a identidade do sul-rio-grandense, que agora já tem uma definição – do ponto de vista de Athos Damasceno, é evidente – para quem ele é e deve continuar sendo.

Finalmente, a incursão pelo século XIX é guiada pela pergunta ainda não resolvida, no presente de Damasceno, para os sul-rio-grandenses. O presente serve, então, de guia para a pesquisa do historiador. Não há novidade na afirmação, mas o que há de interessante na constatação é que o pesquisador, conforme sugere a epígrafe, estava bastante consciente disso e refletiu a este respeito.

### **3 Os agentes do processo civilizador da cultura regional: a imprensa e o teatro**

Levando em conta as considerações de Peter Gay (1990) sobre o estilo na história, concluiu-se que, nos textos de Athos, o estilo irônico é acionado nos momentos em que ele busca marcar um rompimento em relação ao passado. Ocorre que, diferentemente dos textos de caráter ensaístico característicos de sua primeira fase, nos anos 1940, nas narrativas de pesquisa histórica, que são marcas da fase aqui analisada, a tentativa de marcar uma ruptura e/ou continuidade desejável do passado no presente, manifesta em diferentes estilos (irônico ou emotivo) não é tão evidente.

Dessa forma, o posicionamento do autor frente ao seu objeto de investigação não se mostra de modo tão claro quanto nos textos de caráter ensaístico. Apesar disso, algumas inclinações são notáveis e podem contribuir para compreendermos a representação da identidade e da temporalidade elaborada neste segundo tempo da narrativa. Por isso, nesta seção será enfatizada a *representação da temporalidade* a partir dos anos 1950.

A afeição do porto-alegrense, pertença ele às camadas populares ou privilegiadas, às diversões de modo geral, é uma das características dos habitantes da capital que Athos Damasceno busca fixar. Desse modo, *Palco, Salão, e Picadeiro* (1956) apresenta a face cultural da cidade no século XIX, acompanhando a história dos espetáculos públicos que nela se desenrolou. Ao longo da análise, o leitor acompanha os esforços da imprensa local para “civilizar” as preferências, no que toca às diferentes ofertas de diversão dos porto-alegrenses, e toma conhecimento de que houve uma intensa defesa dos espetáculos de teatro em detrimento das apresentações circenses e de magia pelos periódicos locais. Nesse sentido:

Falava-se muito, à época, na nobre missão cultural do teatro, no alto sentido educativo da boa música, na crescente necessidade de elevarmos o espírito, segundo as edificantes lições e exemplos de uma Arte inspirada nos mais puros sentimentos e apoiada nos recursos proteiformes da *civilização* dos nossos dias... E a escol pôrto-alegrense, até certo ponto, não deixava de prestigiar a ação daqueles que, de fato, estavam empenhados na difícil tarefa de apurar-lhe a sensibilidade e enriquecer-lhe o espírito. Mas o povo, cá fora, nem sempre dispensava a devida atenção à empresa dos que obravam em benefício dos interesses legítimos da cultura. E, ao teatro sério, aconselhado pelas pessoas de responsabilidade, continuava dando preferência às diversões fúteis, que a todo mundo agradavam, sem exigir de quem quer que fôsse a apresentação de títulos especiais. Neste ano de 1868, não foram poucas as oportunidades que o povo teve de assistir a êsses espetáculos ligeiros – espetáculos que, além de tudo e para o gáudio dos frívolos, exploravam precisamente o gênero de diversões a que mais se afeiçoara o público, isto é, a magia, o ilusionismo, a prestidigitação. (FERREIRA, 1956, p. 106)

Na citação acima Athos Damasceno introduz o problema, para a imprensa oitocentista, das preferências culturais na cidade do século XIX. Desse modo, levando em conta o que já foi argumentado até aqui em relação à função da ironia na composição da narrativa, é pertinente afirmar que o pesquisador satiriza o empreendimento tomado para si pelas “pessoas de responsabilidade”, isto é, a imprensa local. Assim, uma *ilha de letrados* procurava aperfeiçoar as preferências da maioria da população. Durante significativa parte do extenso volume de *Palco, Salão e Picadeiro*, o autor procura esmiuçar esta questão, frequentemente questionando os discursos e concepções dos letrados vinculados à imprensa, evidenciadas em suas fontes de pesquisa.

Embora o autor adote, em alguns casos, o argumento de que havia certa divisão entre as preferências do *povo* e as de determinada elite econômica, esta não é a tônica. Ao longo da narrativa, o pesquisador indica que tanto uns quanto outros davam preferência às diversões circenses, de magia e de ilusionismo, e que não raro ambos cediam às brincadeiras do *Entrudo* na época do Carnaval. Na sua releitura das preferências de diversão da população local, por exemplo, o estudioso procura cotejar o comentário de alguns jornalistas com outras informações, em geral referentes ao públi-

co que frequentava os circos que se apresentavam na Capital. O historiador indica, então, que ele era bastante significativo numericamente, não se resumindo, portanto, a uma minoria de “desclassificados” que determinados segmentos da imprensa procuravam censurar. Conforme o autor:

Os jornais pôrto-alegrenses tinham razão, a respeito de Costa Lima e sua obra. Não a tinham, porém, em relação ao picadeiro e seus freqüentadores. Pois nem todos os toldos que por aqui se armavam seriam tão desprezíveis, como se insinuava, nem a sua assistência tão desclassificada, como se supunha. O Grande circo italiano, dirigido por D. Giuseppe Chiarini, era, por exemplo, uma Companhia muito apreciável e, instalando-se aqui em junho, oferece-nos atraentes demonstrações acrobáticas, mitológicas, hípicas e pantomímicas – a que numerosas famílias de categoria social compareceram e aplaudiram, verificando-se até uma função, à qual, consoante notícias da época, a concorrência fôra tão grande que, além de se acharem completamente lotados todos os camarotes, frisas e arquibancadas, havia *no pórtico e nos corredores para mais de quinhentas pessoas de pé!*... (FERREIRA, 1956, p. 129)

O processo civilizador, descrito por Elias, está em andamento na Província no século XIX e o autor aqui analisado fornece uma imagem dos agentes propulsores do desenvolvimento deste processo.

Outro exemplo de investida da imprensa local a fim de transformar os costumes “incivilizados” da população porto-alegrense foram as constantes campanhas contra as festividades do *Entrudo*, abordadas em *O Carnaval Porto-alegrense no século XIX* (1970a). Tal prática havia atravessado o atlântico “entre os badulaques de nossos avós” (1970a, p. 9) relacionados às comemorações do Carnaval e pode ser descrita por meio do depoimento, citado por Damasceno, do viajante inglês John Luccock:

Logo depois de nossa chegada – registra êle em seu diário – entrou a quaresma. Os três primeiros dias dessa época são sempre destinados a folguedos entre o povo. A êsses dias chamam *Entrudo*, durante os quais munem-se de umas bolinhas ôcas feitas de cêra colorida, do tamanho e forma de uma laranja, encham-nas d’água e lançam-nas uns nos outros até que os combatentes ficam totalmente molhados. (FERREIRA, 1970a, p. 10)

Com o passar do tempo e o aumento da população “o jôgo [sic] assumira um aspecto mais sério, gerando malquerenças entre vizinhos nem sempre muito amigos e dando lugar a atritos de bastante gravidade” (1970a, p. 11). Tornaram-se frequentes despejos de bacias d’água sobre a cabeça de algum desafeto. Em virtude de tudo isso, o *Entrudo* foi proibido na Capital no ano de 1837. Ao encontro da proibição foram os jornais da época (ver figura 1).

A popularidade do *Entrudo* oscilou durante o século XIX, mas o fato é que diferentes grupos sociais se valiam desta prática enquanto tipo de diversão em tempos de Carnaval. Gradualmente, a fundação de sociedades carnavalescas leva à redução do número de adeptos do *Entrudo*, que praticamente se circunscreve, em fins dos oitocentos, às camadas populares. A imprensa era grande entusiasta das referidas sociedades, entre as quais tiveram expressivo destaque a Esmeralda e a Venezianos. É possível observar, com mais este exemplo, que o esforço da imprensa local de aprimorar as preferências da cultura popular foi bastante significativo e teve seus efeitos.

**Figura 1 – Charge sobre o *Entrudo* publicada no jornal *O Século*, em 1880.**



**Fonte:** FERREIRA, Athos Damasceno. *O Carnaval Porto Alegrense no século XIX*, 1970a, p. 17. Legenda da charge: “O *Entrudo*, que é simplesmente um pretexto, já começa com todo seu furôr. Olho vivo, pais de família, olho vivo!”

Como indicado, há notável crítica de Damasceno em relação a determinados posicionamentos evidenciados em suas fontes de pesquisa. Para compreender melhor as implicações de tal postura em sua escrita, não é demasiado retomar algumas das características do pesquisador enquanto intelectual comprometido com a representação da região.

É importante considerar que Athos Damasceno fora bastante interessado pela cultura popular (NEDEL, 2005). Não é sem motivo, portanto,

que ele se vale de linguagem irônica para depreciar os letrados do passado que fizeram pouco caso das escolhas inerentes ao gosto popular pelas diversões – sejam elas relativas aos espetáculos circenses, de ilusionismo ou ao Carnaval. Talvez seja também o caso de pensarmos que esta estratégia narrativa possa ser compreendida considerando o envolvimento do autor aqui estudado com o movimento folclórico, uma vez que ela, para além de criticar as fontes da pesquisa, está em busca dos elementos que tornam a região única.

Um destes elementos é o *humor local*, o qual dá preferência aos divertimentos que têm apelos humorísticos expressivamente acentuados, como é o caso dos espetáculos circenses prestigiados pelos habitantes da Capital da Província. E este humor, na perspectiva de Athos, tem uma ascendência açoriana<sup>2</sup>. Daí a importância, no entender do pesquisador, de um estudo mais detido da cultura popular, o qual indicará os traços que devem ser ressaltados na representação da identidade do porto-alegrense, visto que eles não se transformaram mesmo tendo sido alvo do processo civilizador encabeçado por determinada elite intelectual.

Além disso, é visível um movimento de aproximação e de distanciamento do autor em relação ao posicionamento dos agentes sociais dos oitocentos. Assim, quando há uma tentativa de transformar costumes que são por ele associados à cultura popular, aquele diverge destes. Não raro este distanciamento se dá com o uso de linguagem irônica. Por outro lado, quando se busca alterar comportamentos e/ou enaltecer práticas que não remetem às especificidades do “caráter” do povo, autor e opiniões expressas nas fontes de pesquisa convergem.

O desenvolvimento observado na técnica e no avanço da fundação de Sociedades e Orquestras locais é apontado como fenômeno de grande importância para o progresso da Província. Nesse sentido específico, o avanço da marcha do processo civilizador é elogiado pelo pesquisador, o qual parece acreditar ser desejável o prosseguimento de tal processo no presente.

A partir de certa altura de *Palco, Salão e Picadeiro*, contudo, a ênfase passa a se localizar no estudo dos espetáculos teatrais. Assim, a história das casas de espetáculo tal como o teatro São Pedro, as Companhias teatrais que em Porto Alegre se apresentaram, bem como a temática das peças encenadas, passam a ocupar papel central na narrativa. Cabe, pois, neste ponto, questionar sobre a razão de o enfoque do estudo de Damasceno recair

---

2 A questão da particularidade do humor local é abordada no livro de Damasceno intitulado *Imprensa Caricata no Rio Grande do Sul no Século XIX* (1962).

na história do teatro: por que, afinal, o teatro?

Parece que o autor percebia no teatro, enquanto expressão artística, um bom indício do avanço desejável da sociedade, porquanto foi ele um dos elementos que, gradualmente, aproximou a população local aos debates do seu tempo. Ao encontro desta hipótese vão as considerações finais de seu volumoso estudo, onde ele justifica o interesse pelo teatro, tão desprezado pelos analistas do passado regional e nacional. O pesquisador inicia sua conclusão criticando o estudo de João Pinto da Silva, *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, o qual afirma não haver teatro no Rio Grande do Sul e argumenta, justificando a importância da pesquisa sobre o teatro sul-riograndense:

Dócil instrumento de seu tempo, sensível aparelho a registrar tôdas [sic] as oscilações e inquietações de sua época, recolheu o teatro oitocentista rio-grandense, como já se disse, os anseios mais extremados de então – os ideais republicanos, o movimento abolicionista, os propósitos de fraternidade, o problema da emancipação feminina, os reclamos da instituição do divórcio, os protestos contra a tirania religiosa, a defesa, enfim, da dignidade humana, pela posse dos direitos morais, espirituais e materiais que pertencem à espécie e lhe exaltam a condição. Se não conseguiu fazê-lo com perfeita beleza, não há dúvida que o fez com límpida verdade e corajoso desprendimento [...]. O teatro rio-grandense de oitocentos, se literariamente [sic] não logrou realizar-se, popularmente, digamos assim, alcançou sem dúvida os objetivos que mirava. Destituído de condições de posteridade, *teve contudo atualidade. E mais do que qualquer outra manifestação da nossa rasa e cinzenta vida artística e literária de então, atuou com vigor no seu meio.* E associou espíritos, agitou ideias [sic], aprimorou virtudes, corrigiu erros, aperfeiçoou costumes, advogou direitos, *valorizou, enfim, a nossa cultura em formação.* Cumpre-nos, portanto, considerá-lo, menos do exclusivo ângulo artístico do que do ângulo de suas generosas repercussões sociais. (FERREIRA, 1956, p. 340-341, grifos meus)

Estudar o teatro em Porto Alegre no século XIX foi uma forma de evidenciar o desenvolvimento do processo modernizador e civilizador na Capital. Desse modo, o autor pôde apontar que os porto-alegrenses não estavam dissociados dos debates travados no século XIX em vigor na Eu-

ropa Ocidental e na Corte, visto que o teatro e a imprensa refletiam questões atuais. O argumento é que nos oitocentos a Província era “um campo particularmente favorável à expansão das ideias mais avançadas da época” (1956, p. 324) que lhe chegavam dos grandes centros por meio de viajantes, de emigrados políticos, de novos colonos e até mesmo de “aventureiros”. Com isso, o sul-rio-grandense enriquece o seu “escasso acervo de conhecimento” (1956, p. 324). A consulta aos periódicos da época leva, então, o autor a afirmar a ampla adesão do Rio Grande do Sul ao ideário do século:

A Revolução de 35 – antimonárquica e republicana, e que, como acentua Moysés Vellinho, ao lado de seus arsenais, montava logo os seus prelos para difusão dos princípios que a inspiravam e norteavam; o individualismo romântico e agressivo que vincava as assembleias políticas do tempo; o ardor pôsto a serviço da campanha abolicionista que madrugou entre nós; a reação desabrida oposta à Igreja em sua intervenção nos assuntos de Estado e nos atos de consciência; a luta tenaz contra o analfabetismo e a exploração da ignorância; a desinteressada defesa dos direitos da mulher e o reconhecimento da necessidade de sua emancipação social; o franco funcionamento de lojas maçônicas, de gabinetes de leitura e de centros literários de indisfarçável conteúdo político – tudo isso revela claramente a estreita comunhão do Rio Grande com o liberalismo de oitocentos e a sua ampla adesão ao matizado ideário do Século que, na maliciosa opinião de Renan, deveria ser olhado com universal ironia... A quem quiser certificar-se melhor dêsse fato, sem dúvida de sentido mais extenso do que profundo, indique-se a imprensa da época, tanto a diária quanto a periódica – empolgada tôda ela... *das últimas conquistas do pensamento humano, dos crescentes progressos da ciência e das hodiernas doutrinas filosóficas dos nossos dias...* E não só a imprensa como ainda as tribunas de conferência, do alto das quais se debruçam gesticulosos sôbre o povo espantado, os pregadores de um credo novo para um mundo igualmente novo. Através de artigos e discursos há de se ouvir falar com *frequência da portentosa obra dos enciclopedistas, das sábias lições do Contrato Social, do sombrio sistema de idéias do pensador Dantzig. E logo de Darwin. E a seguir de Spencer. E mais adiante de Comte.* (FERREIRA, 1956, p. 340-41, grifos do autor)

Por fim, podemos perceber aqui que as noções de civilização e de progresso subjazem na narrativa, que tem como um de seus objetivos a tentativa de compreender o desenvolvimento da cultura e das ideias na Província dos oitocentos. E este momento de florescimento cultural contribui para explicar quem são os sul-rio-grandenses do século XX, cujo antepassado não era unicamente o “centauro dos pampas”. A citação a seguir é esclarecedora deste aspecto:

[...] Aliás, a vivacidade não raro excessiva com que nesses círculos se apreciavam e debatiam os temas ligados ao homem e à sociedade é um dos traços mais sugestivos do Rio Grande de então e de antes. E, ao contrário do que muita gente supõe, tem a sua razão de ser, muito menos nas invocadas peculiaridades do meio e nas exploradas circunstâncias políticas, morais e espirituais de *fronteira*, do que no largo sôpro renovador do século XIX – século que surpreendeu o rio-grandense no seu nascedouro ao influxo de cujos anseios e assomos modelou êle o seu caráter e informou o conjunto de suas aspirações. (FERREIRA, 1956, p. 324, grifo meu).

O caráter do sul-rio-grandense, então, resulta simultaneamente dos elementos comuns a um processo civilizatório partilhado com outras sociedades humanas (europeias, sobretudo) e de sua especificidade cultural definida nos seus traços mais marcantes pelas heranças açorianas. Processo este marcado fortemente pela presença de debates atuais para o período, os quais foram enriquecidos e estimulados pelo teatro.

Paralelamente, a figura do sul-rio-grandense como alguém que estava sintonizado com o seu tempo se solidifica na representação do passado elaborada por Athos Damasceno. Dessa forma, à representação da identidade dos anos 1940, centrada na ascendência portuguesa, que não deixa de ser, em última instância, estática, o pesquisador, na década seguinte, acrescenta um ingrediente extra: a dinamicidade do tempo. Ele transforma os homens e mulheres conforme o processo histórico por eles experimentado. Às representações do gaúcho vinculadas à geografia, Damasceno oferece uma interpretação baseada no estudo da história, que, marcada pela dinamicidade do tempo, altera regularmente os seus sujeitos.

Nesse sentido, é possível apontar algumas implicações desta nova fase da representação do passado do autor para a sua representação da temporalidade. Se nos anos 1940 o presente era narrado de modo quase ca-

ótico e o passado como o lugar de certa nostalgia em relação à identidade – apesar de ressaltadas as negatividades quanto ao pouco desenvolvimento da técnica – não será assim a partir dos anos 1950. Neste período, o presente da escrita do autor parece ser de adaptação ao aparente caos da década anterior e de tentativa de compreensão da modernização da tecnologia, mas, sobretudo, da cultura.

Além disso, talvez seja possível sugerir a existência de uma busca de superação da crise nas relações com o tempo (HARTOG, 2013), experienciada na década anterior, o que enseja a elaboração destes questionamentos diversos ao passado<sup>3</sup>. Esta temporalidade, por sua vez, permanece sendo a fonte da identidade do sul-rio-grandense, mas ela não se limita às suas semelhanças com os açorianos. O tempo histórico e o florescimento cultural do século XIX também contribuem para formar o “caráter” do gaúcho.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as considerações tecidas neste artigo, é possível concluir que a narrativa de Athos Damasceno colabora para a construção de uma percepção de que o fenômeno da modernização não deve ser visto como um algoz desestabilizador da identidade regional. O avanço da modernidade é então encarado como um processo complexo e de múltiplas faces, com diversas implicações. Além do mais, o prognóstico outrora negativo do futuro, elaborado pelo autor nos anos 1940 – no que entendo apropriado nomear de *primeiro tempo* de sua escrita – se dissipa e, no segundo tempo dos estudos históricos do pesquisador, não há um prognóstico taxativo em relação ao porvir. Há, sim, a quase perene expectativa de que o Rio Grande do Sul fosse incluído no todo nacional.

#### REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sarah. *Africanos e afro-descendentes nas origens do Brasil: raça e relações raciais no II Congresso Afro-brasileiro de Salvador (1937) e no III Congresso sul-rio-grandense de História Geografia do IHGRGS (1940)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós- Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CÉSAR, Guilhermino. *Notícia do Rio Grande*. Porto Alegre: IEL, Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

---

3 Sobre a questão ver CORREA DA SILVA (2014).

- CORADINI, Odaci Luís. “As missões da “cultura” e da “política”: confrontos e reconversões de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960)”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n° 32, 2003, p. 125-144.
- CORREA DA SILVA, Gabriela. *A representação do passado nos estudos históricos de Athos Damasceno: a história do Rio Grande do Sul escrita a partir da cidade (1940-1970)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós- Graduação em História, UFRGS, Porto Alegre, 2014.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, 2v.
- FERREIRA, Athos Damasceno. *Imagens Sentimentais da Cidade*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1940.
- \_\_\_\_\_. *Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX: contribuição para o estudo do processo cultural do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- \_\_\_\_\_. “Apontamentos para o estudo da Indumentária no Rio Grande do Sul”. In: *Fundamentos da Cultura Rio-Grandense*. Porto Alegre: Faculdade de Filosofia/UFRGS, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Imprensa Caricata no Rio Grande do Sul no Século XIX*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Persianas Verdes*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Artes Plásticas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1970.
- \_\_\_\_\_. *O Carnaval porto-alegrense no século XIX*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1970a.
- \_\_\_\_\_. *Colóquios com a minha Cidade*. Porto Alegre, Ed. Globo, 1974.
- GAY, Peter. *O Estilo na História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- GUTFREIND, Ieda. *A historiografia rio-grandense*. 2. Ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.
- GRIJÓ, Luiz Alberto. “Entre a barbárie e a civilização: os conflitos armados no período republicano.” In: *O Continente em Armas: uma história da guerra no sul do Brasil*. GRIJÓ, Luiz Alberto; NEUMANN, Eduardo Santos (Orgs.). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade, presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *Regionalismo e Modernismo (o “caso” gaúcho)*. São Paulo: Ática, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para o seu estudo*. Insti-

- tuto de Estudos Brasileiros, SP,1972.
- MONTEIRO, Charles. “Imagens da Cidade de Porto Alegre nos anos 1950: a elaboração de um novo padrão de visualidade urbana nas fotorreportagens da Revista do Globo.” In: *Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes*. MONTEIRO, Charles (org.), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 9-49.
- NEDEL, Letícia. *Um passado novo para uma história em crise: regionalismo e folcloristas no Rio Grande do Sul*. Brasília, 2005. Tese (Doutorado em História). ICH, Universidade de Brasília – UnB, 2005.
- \_\_\_\_\_; RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. “Historiografia, crítica e autocrítica: itinerários da História no Rio Grande do Sul”. *Agora*, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 1, p. 161-186, 2005.
- \_\_\_\_\_. “A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul”. *Mana*, 13(1), 2007, p. 85-118.
- PAPALÉO, Maria Beatriz Meurer. *Athos Damasceno Ferreira: Rivarol na Província*. 1996. Tese (Doutorado em literatura comparada) - Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, 1996.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: UNICAMP, 2007.
- SONDERMANN, Susana. Entrevista com Athos Damasceno. *Herói é o homem de todos os dias*. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 de dez. 1974, p. 23.
- STAROBISNKI, Jean. *As máscaras da civilização*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- VELLINHO, Moysés. *Letras da Província*. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Globo, 1960.

Recebido em 05/08/2016

Aprovado em 29/10/2016